

**AS IMPRESSÕES DO PARAÍSO: A EXIBIÇÃO DO OUTRO  
SELVAGEM NO NOVO MUNDO**

**THE IMPRESSIONS OF PARADISE: THE EXHIBITION OF  
THE OTHER WILD IN THE NEW WORLD**

**LAS IMPRESIONES DEL PARAÍSO: LA VISIÓN DEL OTRO  
SALVAJE EN EL NUEVO MUNDO**

*Amanda Moury Fernandes Bioni<sup>1</sup>*

**Resumo**

O presente artigo propõe uma breve análise das cartas de 1502 e de 1503 de Américo Vesúpcio, com o propósito de refletir sobre como a lógica da colonização (SUBIRATS, 1994) foi implantada no continente americano. Considerando o conceito da invenção de América (O’GORMAN, 1992), também se pretende visitar e reavaliar momentos e documentos históricos à luz das perspectivas teóricas modernas, buscando compreender a construção da identidade dos nativos americanos.

**Palavras-chave:** Identidade americana; cartas de 1502 e de 1503; Américo Vesúpcio.

**Abstract**

This article purposes a brief analysis related to 1502 and 1503 Amerigo Vespucci’s letters, intending to realize the manners of colonialism logic (SUBIRATS, 1994) has been implanted in the American continent. Considering the conception of America’s invention (O’GORMAN, 1992), this research also aims to review historical moments and documents, taking into account the theoretical modern perspectives which are necessary to comprehend the native American identity’s construction.

**Keywords:** American Identity; 1502 and 1503 Letters; Amerigo Vespucci.

**Resumen**

Este artículo propone un breve análisis de las cartas 1502 y 1503 de Amerigo Vespucci, con el propósito de reflejar cómo se implementó la lógica de la colonización (SUBIRATS, 1994) en el continente americano. Teniendo en cuenta el concepto de la invención de América (O’GORMAN, 1992), también pretende revisar y reevaluar momentos y documentos históricos a la luz de las perspectivas teóricas modernas, buscando comprender la construcción de la identidad de los nativos americanos.

**Palabras clave:** Identidad americana; cartas de 1502 y 1503; Amerigo Vespucci.

## Introdução

A concepção de que a América foi construída e inventada discursivamente, através de uma voz hegemônica europeia, estabelece outros meios de compreender os relatos históricos.<sup>2</sup> Ao conceber o continente americano como um *continente vazio* (SUBIRATS, 1994), isto é, como um espaço de lacunas, sem perspectivas de completar-se, segundo os moldes europeus, a empresa colonial propagou as carências espantosas do Novo Mundo por meio dos escritos dos viajantes: uma terra sem lei, sem cristianismo, sem estruturas governamentais complexas, sem escrita e, conseqüentemente, conforme o olhar do conquistador culto e moderno, uma terra povoada de habitantes carentes de conhecimento e de civilidade.

Essa percepção do continente americano como um lugar da ausência justificou medidas de dominação, entre elas, as missões civilizatórias, pacificadoras e evangelizadoras dos intrépidos europeus no continente americano. Ainda sobre esse aspecto, é importante reconhecer que a interpretação que conferia escassez cultural e política aos povos americanos incentivou a estratégica produção da América como o espaço ameaçador do pecado e da selvageria, o qual necessitava, urgentemente, de uma redenção religiosa e de uma implantação política e moral que considerasse os padrões europeus.

Os principais meios de divulgação daquelas terras e daqueles povos nunca antes vistos se estruturavam através das cartas e das ilustrações dos viajantes europeus, destinadas à Coroa. Os navegantes deveriam registrar suas impressões, minuciosamente, a partir de descrições, com o propósito de informar ao monarca sobre a existência de riquezas naturais, como ouro e prata; as características do espaço físico, como o clima e a fertilidade do solo; além de considerar o comportamento das gentes, se eram mansos ou bravos guerreiros.

As mulheres indígenas, os índios canibais e a exuberante natureza constituíram objetos de espanto e de atenção para o desbravador italiano Américo Vespúcio, na sua carta de 1502, a qual inspirou a elaboração de *Novus Mundus* em 1503. Esses personagens, ao passar pelo tendencioso filtro do razoamento europeu, tiveram uma identidade outorgada, que pode ser sintetizada no *outro* selvagem, bestial, lascivo,

---

<sup>1</sup> Mestranda em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

<sup>2</sup> Para uma maior desconstrução do convencimento de que o continente americano foi descoberto, sugiro a leitura de Edmundo O’Gorman (2003).

demoníaco e, conseqüentemente, responsável por todos os males que mantêm a ineficiência e a desordem na sociedade em que todos estavam inseridos. Logo, não é paranoia supor que as práticas indígenas foram intensamente reprimidas, perseguidas e desrespeitadas tanto pela iniciativa militar, quanto pelas iniciativas moral e religiosa.

A respeito do referencial teórico utilizado, os estudos de Mignolo (2003), O’Gorman (2003), Quijano (2005) e Sousa Santos (2010) se apresentam como fundamentais ao entendimento de que o continente americano foi, primeiramente, “esvaziado” como o lugar da não existência – o que, aliás, é uma interpretação europeia necessária à lógica da colonização – e, posteriormente, se configurou como lugar de projeções, ou seja, um espaço do porvir que se encontra em lugar de tensão respectiva ao estabelecimento das identidades nacionais, como apontaram as perspectivas de Quijano (2005). Esse impasse é consequência da invenção da América, como um território de insuficiência a ser amparado pelos critérios científicos, morais e religiosos de Europa, que se utilizando das monoculturas dispostas na sociologia das ausências (SANTOS, 2010) se impõe como modelo de prosperidade frente àqueles que foram e ainda são vítimas da colonialidade do ser (MIGNOLO, 2003). Acerca das violências e injustiças praticadas contra os seres colonizados, no contexto de Américo Vesúcio, os índios, as reflexões de Gambini (2000) também foram mencionadas.

Dessa forma, o presente artigo pretende realizar uma breve discussão sobre a invenção do continente americano (O’GORMAN, 2003) como o paraíso terrenal, habitado, contraditoriamente, por seres pecadores e bestiais, buscando identificar a eficiência do relato europeu, situado no século XVI, em empreender a *lógica da colonização*, conforme Subirats (1994). Para tanto, as cartas de 1502 e de 1503 de Américo Vesúcio foram analisadas, considerando-as também em seu caráter de revisão do conhecimento europeu estabelecido, conforme Roa-de-la-Carrera (2002), o que aponta para a compreensão do continente americano como o lugar gerador de projeções e utopias, de acordo com Cordiviola (2001).

### **A lógica da colonização: estratégias discursivas e a invenção do outro**

Ao tentar compreender os caminhos de estabelecimento da lógica da colonização, Subirats (1994) realiza um percurso histórico, buscando perceber em documentos oficiais, as estratégias discursivas necessárias à manutenção do poder

estabelecido. Com respeito à temática das *descobertas* oriundas das grandes navegações, um tratado figurou como um importante meio de repartir e determinar, segundo interesses, as novas terras; se tratava da bula *Inter Coetera*, expedida em 4 de maio de 1493, pelo Papa Alexandre VI. O documento estipulava a doação das terras descobertas e das que, no presente momento, ainda se mantinham desconhecidas, aos reis de Castela e Leão, a fim de que esses novos espaços fossem iluminados pela fé católica.

É importante perceber que, conforme o delimitado nesse tratado, expedido no ano seguinte à viagem de Cristóvão Colombo, já se pensava em um mundo maior, porém já duplamente submetido aos reis e à Igreja, os quais atuariam como personagens principais frente à empresa colonial. Tratava-se, portanto, do registro e da formalidade de uma, entre tantas outras, maneiras de interpretar estrategicamente o restante do globo terrestre, e discursivamente, alimentar a complexa empresa que visou à exploração dos nativos e dos recursos naturais, enquanto propagava ideais de civilização e de evangelização.

Por volta de 1573, a influência discursiva, fundamental ao ajuste da empresa colonial, é ilustrada na substituição dos termos: *conquista* se torna *pacificação*, pois como a subjetividade americana se encontrava no caos originário, era necessária a iniciativa europeia para ordená-la. Essas sutilezas de significado configuraram uma constelação discursiva que orientava o acúmulo de poder e de destruição, ou o que Eduardo Subirats (1994) denomina de lógica da colonização.

É importante reconhecer que a lógica da colonização não se sustentaria sem uma interpretação prévia<sup>3</sup> das situações e dos indivíduos, considerando os padrões sociais e os consequentes valores existentes na realidade daquele que vê e interpreta o novo. Vale dizer que, no contexto das eventuais descobertas, os pontos de vista eram marcados por alguns mitos,<sup>4</sup> como o mito da superioridade, a crença na centralidade europeia e a

---

<sup>3</sup> A fim de fornecer um maior esclarecimento: “[...] O essencial a respeito consiste em reconhecer que qualquer ato, se for considerado em si mesmo, é um acontecimento que carece de sentido, um acontecimento do qual, portanto, não podemos afirmar o que seja, isto é, um acontecimento sem ser determinado. Para que o tenha, para que possamos afirmar o que seja, é necessário atribuir-lhe uma intenção ou um propósito. No momento que fazemos isso, com efeito, o ato ganha sentido e podemos dizer o que é; concedemos-lhe um ser entre outros possíveis. A isto se chama uma interpretação, assim, podemos concluir que interpretar um ato é dotá-lo de um ser ao atribuir-lhe uma intenção” (O’GORMAN, 1992, p. 56).

<sup>4</sup> É interessante perceber que, para aquelas nações que assumem grandes poderes ao redor do globo, essas perspectivas mitológicas costumam se preservar ou ressurgir, como no caso dos Estados Unidos da América, conforme as afirmações de Hughes (2003).

compreensão respectiva ao catolicismo como a única religião possível. Dessa forma, se acatava a missão de civilizar o restante do mundo à medida que a fé católica também era imposta, graças à indiscutível superioridade e progresso das nações europeias; atribuíam-se, assim, de forma contrária, uma identidade ao indígena, concebido como aquele *outro* selvagem, carente de civilização, organização política ou religião católica. Instauravam-se maneiras de interpretar os outros habitantes do paraíso, modos de ver articulados e estrategicamente pautados, conforme a lógica discursiva da colonização:

[...] Pois bem, a grande Revolução Científica e Filosófica dos nossos dias ensinou que essa antiga maneira substancialista de conceber a realidade é insustentável, porque se chegou a compreender que o ser – não a existência – das coisas é apenas o sentido ou a significação que se lhes atribui dentro amplo marco da imagem da realidade vigente, num determinado momento. Em outras palavras, que o ser das coisas não é algo que elas tenham por si, mas algo que se lhes concede ou outorga (O’GORMAN, 1992, p. 62).

A atribuição articulada de significados não se limitou à construção de identidades inferiores apenas: antes de encontrar os nativos, devido à exuberância natural e à boa disposição climática, os europeus investiram a quarta parte do mundo de um caráter paradisíaco, o que nas palavras de Gambini (2000) já reveste o momento histórico, equivocadamente, reconhecido como a *descoberta* do Novo Mundo, de um caráter fantástico, o que precisa ser revisto:

[...] A primeira ideia a ser revista seria naturalmente a de descobrimento. Todos nós sabemos – e já sabíamos – que essa ideia é falsa e que o termo correto seria *invasão* e não *descobrimento* do Brasil [...]. A palavra *descobrimento* reveste-se de certa aura mágica e poética. Quando estudamos a formação de nossa identidade, já começamos, portanto, com uma história fantástica, a de que à diferença de outros povos, o nosso surgiu como consequência de um feito extraordinário, qual seja: na fuga de calmarias letais, navegadores heroicos acabaram chegando a terras nunca antes visitadas (GAMBINI, 2000, p. 21 grifos do autor).

Essa aura mágica e poética associada ao achado do *Paraíso terrestre*<sup>5</sup> é decisiva à manutenção de uma perspectiva historiográfica acomodada a ilusões. É válido dizer

---

<sup>5</sup> “[...] uma projeção-mor: a ideia de *paraíso*, que habitava a mente do europeu, exterioriza-se na descrição das praias brasileiras, que, em decorrência de um fenômeno psicológico tão antigo quanto o próprio homem, passam a revestir-se das qualidades daquele ambiente sonhado e irreal descrito no

que essas ilusões possuem raízes no passado, em que se preferiu propagar os feitos dos grandes navegadores, dos jesuítas e dos administradores europeus em América como atitudes heroicas, como um favor necessário àqueles povos que se encontravam em situação rudimentar de *desenvolvimento*. Contudo, a própria ideia de desenvolvimento provém daqueles que se determinam os portadores da modernidade, assim como a conseqüente e contrária versão dessa ideia: a de barbárie ou subdesenvolvimento. São ações que geram reações ou, melhor dito, são conceitos que estabelecem novos conceitos, necessários à implementação justificável de um domínio. Entretanto, uma das conseqüências da modernidade foi a revisão dos conceitos, porque estudiosos como O’Gorman (1992), Gambini (2000), Mignolo (2003), Quijano (2005), Sousa Santos (2010), entre outros, decidiram olhar novamente o momento histórico, em especial, os outros lados da situação; de maneira que, além de pensar em *invasão da América*, também se pensa em *invenção da América*.

Ao buscar reinterpretar os relatos históricos do descobrimento, Edmundo O’Gorman (1992) identifica contradições relativas à ideia de que o Novo Mundo estava à espera de que Cristovão Colombo o encontrasse e o submetesse aos desígnios europeus.<sup>6</sup> Conforme o autor, é necessário pensar a situação de outras maneiras, de modo a desvendar a lógica por trás dos discursos, obtendo, assim, uma resposta satisfatória aos questionamentos sobre o ser de América:

[...] a resposta ao problema que colocamos já é transparente: o mal que está na raiz de todo o processo histórico da ideia do descobrimento da América consiste no fato de se ter suposto que esse pedaço de matéria cósmica, que agora conhecemos como continente americano, terá sido isso sempre, quando em realidade só o foi a partir do momento em que se lhe atribuiu essa significação e deixará de o ser no dia em que, por alguma mudança na atual concepção do mundo, já não se lhe atribua (O’GORMAN, 1992, p. 63).

Sobre essa característica, que parece ser inerente ao continente americano, de mover as correntes epistemológicas estabelecidas, as cartas de Américo Vespúcio já propunham a revisão dos conhecimentos geográficos, a partir do contato com esse novo mundo, com esse indecifrável ser de América:

---

Gênesis, como parte da mentalidade católica e do imaginário fantasioso da época” (GAMBINI, 2000, p. 21, grifos do autor).

<sup>6</sup> “[...] Colombo teria revelado, sem a intenção de o fazer, a existência das terras que encontrou, cumprindo um propósito alheio, de maneira que, do ponto de vista de Colombo, seria lícito afirmar, como

O conceito vespuciano do *Novo Mundo* permite estabelecer uma prática discursiva que consiste *em corrigir e ampliar* o conhecimento prévio sobre o mundo, se apoiando no saber prático da navegação. Neste sentido, falar de *Novo Mundo* não envolvia uma estratégia para manipular ao gosto o referente, mas um processo de revisão e questionamento de enunciados anteriores. Este conceito fomentava uma atitude reflexiva relacionada ao processo colonizador porque propunha um desafio intelectual tanto para o escritor quanto para o leitor (ROA DE LA CARRERA, p. 558, grifos do autor).<sup>7</sup>

O navegador florentino, como um autêntico homem de ciência, se utilizou das experiências obtidas além do horizonte para ampliar ou corrigir as teorias científicas estabelecidas no século XVI. Contudo, se os conhecimentos cartográficos foram postos em revisão ou em readaptação, por meio do reconhecimento prático de Vespúcio, referente à quarta parte do mundo, algo semelhante, infelizmente, não aconteceu com a interpretação dos povos que habitavam o Novo Mundo. Apesar de as missivas de Américo Vespúcio terem proporcionado acréscimos e questionamentos à vigente concepção dimensional do globo, os europeus continuavam a se colocar como a nação central, portadora do progresso intelectual e científico, e, assim, à frente das demais civilizações. Infelizmente, a prepotência europeia não foi questionada, mas nutrida por discursos orientados que inventavam o nativo americano como canibal, libidinoso, selvagem e inferior – ou simplesmente – tudo aquilo que o europeu jamais poderia ser.<sup>8</sup> Logo se desenvolveram perfis de subjetividade convenientes e convincentes às teorias da época, e é nesse aspecto que também reside o desafio intelectual não resolvido até os dias atuais:

[...] esta tentativa de criar perfis de subjetividade estatalmente coordenados conduz ao fenômeno que aqui denominamos *a invenção do outro*. Ao falar de *invenção* não nos referimos somente ao modo como um certo grupo de pessoas se representa mentalmente a outras,

---

faz a tese, que o ato não foi intencional, embora, em realidade tenha que o ser” (O’GORMAN, 1992, p. 59).

<sup>7</sup> “El concepto vespuciano de *Nuevo Mundo* permite establecer una práctica discursiva que consiste en corregir y ampliar el conocimiento previo sobre el mundo apoyándose en el saber práctico de la navegación. En este sentido, hablar de *Nuevo Mundo* no involucraba una estrategia para manipular a gusto el referente, sino un proceso de revisión y cuestionamiento de enunciados anteriores. Este concepto fomentaba una actitud reflexiva respecto al proceso colonizador, porque proponía un desafío intelectual tanto para el escritor como para el lector” (ROA DE LA CARRERA, p. 558, grifos do autor) [Todos os textos retirados de obras em língua estrangeira foram trazidos por mim ao português.]

<sup>8</sup> “Os fatos que analisamos aqui, no século XVI, seriam assim mais um episódio do longo processo de afirmação da chamada *consciência ocidental*, a qual, para manter-se, derruba tudo o que lhe é diverso. O indígena, dessa forma, passa a encarar *aquilo que não pode ser*” (GAMBINI, 2000, p. 140, grifos do autor).

mas nos referimos aos dispositivos de saber/poder que servem de ponto de partida para a construção dessas representações. Mais que como o ocultamento de uma identidade cultural preexistente, o problema do outro deve ser teoricamente abordado da perspectiva do processo de produção material e simbólica no qual se viram envolvidas as sociedades ocidentais a partir do século XVI (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 81, grifos do autor).

Então, podemos chegar à conclusão de que o aceitar-se como naturalmente superior por parte do desbravador europeu não foi um paradigma posto em crise, antes foi incentivado pelos interesses da empresa colonial e pelos ideais de propagação da fé católica, constituindo, assim, um dos principais pilares da lógica da colonização: a invenção do outro e sua consequente invisibilização. E, como consequências principais:

O desfalque e o ataque à natureza são nossos sinais de batismo, como é também a posse da mulher índia pelo branco, de cujo acasalamento resulta, nas reveladoras palavras de Darcy Ribeiro, a protocélula do povo brasileiro: a criação de um híbrido que nunca saberá quem é, porque nem pai nem mãe lhe servirão de espelhos ou modelos de identidade (GAMBINI, 2000, p. 22).

É válido pontuar que essa lacuna identitária do povo americano se reflete nos problemas atuais, de cunho social e econômico, enfrentados, especialmente, na parte sul do continente, pois essas nações de subjetividades outorgadas ainda enfrentam um longo caminho de autoconhecimento, de autovalorização e de superação própria. Nas cartas de Américo Vespúcio, que são analisadas, temos o início desse processo catastrófico que irá atingir, especialmente, os índios canibais e as mulheres indígenas, reduzidos a categorias sociais interpretadas sob uma ótica ocidental, mas não vistos de frente, não vistos em essência. Procedimento análogo ao modo de “descobrir” o continente, no sentido devastador que o termo pode assumir, relativo à deturpação da realidade cultural e social americana, pois para manipular e controlar, antes é fundamental conhecer: remover a cobertura natural e inserir outra no lugar e, assim, o objeto se torna outro apresentável: “[...] esse conceito, podemos antecipar, é o de uma América inventada que não é o da velha noção de uma América descoberta” (O’GORMAN, 1992, p. 68).

## O outro pela ótica própria: a projeção do selvagem americano

Neste tópico, se analisa brevemente as cartas de 1502 e de 1503<sup>9</sup> elaboradas pelo navegador italiano Américo Vespúcio a Lorenzo de Pietro Medici. Além de navegador, Américo Vespúcio também foi um estudioso florentino, nascido em 1454. Foi à Paris em 1478, acompanhando o seu tio, Guido Antonio, embaixador da república florentina junto ao rei da França. Em 1491 se instala em Sevilha como representante da Casa dos Medici. E, a partir desse momento, participa em uma série de negociações, o que possibilitará suas viagens, a primeira em 1501, pela Coroa de Castela, a segunda, de 1501 a 1503, pela Coroa de Lisboa.<sup>10</sup>

À diferença das cartas de Colombo, a composição vespuciana esteve muito mais atenta à verificação das teorias vigentes, pois desejava obter alguma fama, através de seus escritos, dotados de questionamentos. Embora, de acordo com os estudos de Mahn-Lot (1984), tanto Américo Vespúcio quanto Cristovão Colombo figurarem como “descobridores” do Novo Mundo:

Colombo e Vespúcio são, ambos *descobridores*, tendo Colombo, evidentemente, a honra da prioridade.<sup>11</sup> Todos os dois raciocinaram sobre aquilo que observavam de insólito; por exemplo, sobre essas massas humanas que desorientavam todas as previsões dos *cosmógrafos*, já que apesar de uma latitude comum, os índios não se pareciam com os africanos, nem com os asiáticos. Américo, mais que Cristóvão, se mostrou sensível ao aparecimento de *novas estrelas* (cujo desenho veio ornamentar seus diários) – o que se explica pela amplitude de suas navegações no sentido da latitude (MAHN-LOT, 1984, p. 116, grifos da autora).

Controvérsias e disputas à parte, o que nos interessa nesse artigo é observar nas cartas de Américo Vespúcio o modo de ver os habitantes do novo mundo, suas formas e suas culturas, o que promoveu definições revestidas de valores exclusivamente europeus, os quais não correspondiam à realidade indígena; ou seja, o índio que nos é

---

<sup>9</sup> Essa carta também é conhecida por *O Novo Mundo*, pois é justamente nela que Américo Vespúcio aponta a existência da quarta parte do mundo. Além disso, é válido dizer que a autora se baseou na versão espanhola de 1951 para elaborar as análises. Os trechos, em idioma original, seguem em notas de rodapé.

<sup>10</sup> Para um maior esclarecimento sobre a trajetória de vida de Américo Vespúcio, indico a leitura dos estudos de Mahn-Lot (1984), nos quais a autora do artigo se baseou.

<sup>11</sup> Apesar dessa afirmação, a autora reconhece as intenções divergentes do navegador genovês: “[...] em todo caso, não se pode negar a *intencionalidade* do genovês: o que ele pensava *descobrir* eram *Antília*, depois *Cipango* e seu rosário de ilhas, e enfim *Catai* (MANH-LOT, 1984, p. 115, grifos da autora). É válido pontuar que, para a autora, tanto Colombo quanto Américo não possuíam pretensões claras de encontrar a nova parte do mundo.

apresentado nas cartas vespucianas é um personagem de identidade atribuída, construído para justificar a invasão, a intervenção religiosa e a consequente violência:

*Não têm nem lei, nem fé nenhuma e vivem de acordo à natureza. Não conhecem a imortalidade da alma, não têm entre eles bens próprios, porque tudo é comum: não têm limites de reinos, e de províncias: não têm rei: não obedecem a ninguém, cada um é senhor de si mesmo, nem amizade, nem agradecimento, o que não lhes são necessários, porque não reina neles cobiça: habitam em comum, em casas feitas à maneira de cabanas muito grandes e comuns, e para gentes que não têm ferro, nem outro metal nenhum, se pode considerar suas cabanas, ou suas casas, maravilhosas [...] e não sabem contar os dias, nem os meses, nem os anos. [...] seus habitantes não estimam coisa alguma, nem ouro, nem prata, ou outras joias, salvo coisas de plumagens, ou de osso (VESPÚCIO, 1961, p. 147-153, grifos meus).<sup>12</sup>*

Nesse trecho é recorrente a utilização do advérbio de negação *não*, o que insinua a interpretação dos habitantes do Novo Mundo como os portadores da carência: eram indivíduos que pairavam no caos originário, como tábulas rasas, só à espera que alguma presença norteadora, especialmente, vinda da Europa, viesse a lhes dar sentidos de civilização, de bom governo e de iluminação científica e espiritual. Enfim, descritos desse modo, os índios pareciam ser aqueles que os europeus precisavam mudar e submeter, pois se não tinham bons valores, abundavam em características reprováveis aos olhos do europeu:

*[...] são gente belicosa. E entre eles muito cruéis [...] porque vão tão desnudos como nasceram, nem têm ordem alguma em sua guerra, salvo que fazem o que lhes aconselham seus anciãos, e quando combatem se matam muito cruelmente, e aquela parte que se torna dona do campo, enterra a todos os mortos do seu lado, e aos inimigos os despedaçam e os comem, e aos que prendem e os têm como escravos em suas casas, se é mulher dormem com ela, e se é varão, o casam com sua filha; e em certa época, quando lhes dá uma fúria diabólica, convidam aos parentes e ao povo, e os põem diante, isto é, a mãe com todos os filhinhos que dela foram paridos, e com certas cerimônias, os matam a flechadas e os comem; e isto mesmo fazem a ditos escravos, e aos filhos que deles nascem; e isto é certo, porque encontramos em suas casas a carne humana, posta ao fumo, e muita, e*

---

<sup>12</sup> No tienen ni ley, ni fe ninguna y viven de acuerdo a la naturaleza. No conocen la inmortalidad del alma, no tienen entre ellos bienes propios, porque todo es comun: no tienen limites de reinos, y de provincias: no tienen rey: no obedecen a nadie, cada uno es señor de sí mismo, ni amistad, ni agradecimiento, la que no les es necesaria, porque no reina en ellos codicia: habitan en comun en casas hechas a la manera de cabanas muy grandes y comunes, y para gentes que no tienen hierro, ni otro metal ninguno, se pueden considerar sus cabanas o bien sus casas, maravillosas [...] y no saben contar los días, ni los años, ni los meses, salvo que cuentan el tiempo por meses lunares [...] sus habitantes no estiman cosa alguna, ni oro, ni plata, u otras joyas, salvo cosas de plumajes, o de hueso.

*lhes compramos 10 criaturas*, tanto varões como mulheres, que estavam destinados para o sacrifício, para dizê-lo melhor, para o *malefício*. Os repreendemos muito, não sei se se emendaram; [...] É coisa certamente *bestial* (VESPÚCIO, 1951, p. 151, grifos meus).<sup>13</sup>

Nesse trecho, o autor da carta se encontra negativamente surpreso ao se deparar com *certas cerimônias* que envolviam o canibalismo. E a partir de seu modo adaptado de ver, de acordo com os padrões de civilidade e de religiosidade, atribui aos indígenas aspectos de crueldade, de fúria diabólica e de bestialidade, todos injustificados, pois naquele ambiente de ausência, também não existiam notáveis táticas de guerra ou alguma organização ritualística, elegíveis às exigências da sociedade moderna. A cultura indígena era brutal e precisava ser extirpada e substituída por outra. Sobre tal aspecto, esse trecho nos mostra que o índio precisava da intervenção europeia, pois ao comprar as dez criaturas cativas, o europeu evitou um *sacrifício* desnecessário e, assim, conforme os ideais propagados pela Igreja, evitou o *malefício* e exorcizou aquele mal.

Com relação aos aspectos espirituais, os índios, por não conhecerem a fé cristã, estariam vulneráveis a práticas diabólicas, ou até, para alguns, nem chegavam a possuir alma, integrando, assim, mais um elemento ao círculo das ausências que representa o índio americano:

Aliás, a palavra *alma* não é jamais usada, porque a discussão teológica da época era se os índios chegavam ou não a ter uma alma. A posição predominante era de que não a tinham e que só por meio do batismo chegariam a tê-la. Portanto, o europeu sente que está fazendo um grande benefício espiritual ao índio quando o converte, pois assim ele poderia evoluir de uma condição semi-animal para uma finalmente humana. A consciência dita civilizada do século XVI não era capaz de atribuir o menor valor que fosse à subjetividade, à cultura, ao psiquismo ou – ousemos o termo – à alma indígena. Essas dimensões não chegavam sequer a ser percebidas como algo que de fato existisse (GAMBINI, 2000, p. 25, grifos do autor).

---

<sup>13</sup> [...] son gente belicosa. Y entre ellos muy crueles [...] no acostumbran llevar defensas en sus cuerpos, porque van tan desnudos como nacieron, ni tienen orden alguno en su guerra, salvo que hacen lo que les aconsejan sus ancianos, y cuando combaten se matan muy cruelmente, y aquella parte que queda duena del campo, entierra a todos los muertos de su lado, y a los enemigos los despedazan y se los comen, y a los que prenden y los tienen como esclavos en sus casas, si es mujer duermen con ella, y si es varon lo casan con su hija; y en cierta epoca, cuando les da una furia diabolica, convidan a los parientes y al pueblo, y los ponen delante, esto es, la madre con todos los hijitos que de ella han tenido, y com ciertas ceremonias, los matan a flechazos y se los comen; y esto mismo hacen a dichos esclavos, y a los hijos que de ellos nacen; y esto es cierto, porque encontramos en sus casas la carne humana, puesta al humo, y mucha, y les compramos 10 criaturas, tanto varones como mujeres, que estaban estinados para el sacrificio, para decirlo mejor, para el maleficio. Los reprendimos mucho, no se si se enmendaron; [...] Es cosa certamente bestial.

A incapacidade de considerar o indígena em sua autêntica subjetividade é um requisito necessário para a efetivação da lógica da colonização. Nesse aspecto, foi muito mais conveniente associar o modo de ser indígena ao que se entendia por *selvagem europeu*. Conforme os estudos de Roger Bartra (2011), não existiria o homem civilizado sem que paralelamente houvesse existido o homem selvagem ou o *homo sylvestris*:

O homem civilizado não tem dado um só passo sem ser acompanhado de sua sombra, o selvagem [...] a cultura europeia gerou uma ideia do homem selvagem muito antes da grande expansão colonial [...]. Os *homens selvagens são uma invenção europeia* que obedece essencialmente a natureza interna da cultura ocidental. Dito de forma abrupta: o selvagem é um homem europeu, e a *noção de selvageria foi aplicada* a povos não europeus como uma transposição de um mito perfeitamente estruturado (BARTRA, 2011, p. 12-15, grifos meus).

Ao esclarecer que o que entendemos por *selvagem*, na verdade, é uma invenção exclusiva do europeu civilizado, antes mesmo de que ele chegasse ao Novo Mundo, Roger Bartra nos proporciona um interessante modo de análise. Primeiro, se gerou uma ideia europeia do que viria a ser o selvagem, suas principais características e comportamentos, os quais deveriam ser repreendidos pelo homem civilizado, que representava a ordem, o padrão social a se seguir. Em segundo lugar, ao se deparar com as práticas exóticas dos indígenas, Vespúcio optou por realizar uma espécie de transposição desse mito perfeitamente estruturado, admitindo os índios como brutais e bestiais, sem religião ou forma de governo, além de serem furiosos, os quais deveriam ter suas decisões naturalmente perversas impedidas pela atuação do homem civilizado e de ciência. Logo, se inventou o selvagem americano a partir de categorias pertencentes ao imaginário europeu, a fim de manter, por vias complexas, a lógica da dominação que iria percorrer todo o período de exploração colonial.

## **Conclusões**

A versão europeia de América como um lugar de ausências congregou essas duas estratégias de domínio e objetificação: o *saber* e o *ser*, especialmente, se considerarmos a sociologia das ausências proposta por Sousa Santos (2010), em que determinada comunidade é acometida pela invisibilidade e pelo silenciamento que, por sua vez, são concernentes a uma lógica de domínio, de acúmulo de poder, em suma, de

colonização. Com relação aos indígenas, foi perceptível a constelação discursiva em torno de suas crenças, de suas culturas e de suas existências, comentadas sob o viés das dicotomias superioridade e inferioridade, civilização e barbárie. Sendo assim, os nativos americanos foram interpretados como bárbaros e inferiores, com a finalidade de justificar a lógica da colonização como uma missão civilizatória. Com efeito, como os portadores da modernidade que sabiam, queriam e podiam saber mais, os navegadores e estudiosos tornaram a América um objeto científico, a fim de comprovar as suas teorias, configurando, dessa forma, o continente americano como um lugar de projeções e de fundamentais intervenções. E, assim, sustentaram a convicção de que, realmente, eram insuperavelmente superiores, embasada pelo acúmulo de conhecimentos científicos, pela organização do sistema político e pela autoridade conferida pela Igreja. Esses fatores conferiram aos europeus o argumento necessário para efetivar a dominação contra os povos americanos, os quais não correspondiam aos padrões de civilidade e nem eram conhecedores da ciência moderna: eram apenas povos que guerreavam sem ordem e comiam carne humana, ademais eram brutais e bestiais, considerando as determinações teológicas da época. E, dessa maneira, todos os distintos povos de América foram homogeneizados e reduzidos às categorias de índios, selvagens e canibais, ainda que o “selvagem” seja uma típica criação europeia atribuída aos nativos americanos.

O fato, finalmente, é que os índios não foram considerados como o “outro”, o “diferente” que exige acentuada e meditativa reflexão para uma interação, no mínimo respeitosa: os índios foram inventados, antes de existirem como “outros”. Com o passar do tempo, diversas culturas permearam o continente de projeções, cada uma com sua contribuição pertinente diante da lacuna, há séculos, estabelecida pelo silenciamento e pela invisibilidade. E, talvez, seja por isso que o latino-americano ao se colocar diante do espelho, não encontre um reflexo conciliador, mas distorcido.<sup>14</sup> E nessas distorções a identidade latino-americana se insinua entre projeções externas e projetos internos.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> Ver Quijano (2005).

<sup>15</sup> Com o objetivo de trazer acréscimos à discussão, especialmente, quanto ao problema da identidade do latino-americano, trago o seguinte trecho: “[...] Pois difusa e hipotética é a entidade conhecida como América Latina [...] um ensaio, uma tentativa, uma imposição cultural de integração que não opera por simples acumulação das particularidades nacionais, mas que aponta para a criação de uma identidade heterogeneamente transnacional que sirva como espelho de reconhecimento, como afirmação de uma diferença e como um modo de pensar o devir da ordem mundial” (CORDIVIOLA, 2001, p. 6).

### Referências bibliográficas

BARTRA, Roger. *El mito del salvaje*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2011.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro. In: LANDER, Edgardo (org.). *Colonialidade do saber*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

CORDIVIOLA, Alfredo. Prólogo. In: CORDIVIOLA, Alfredo. *Um projeto inacabado: identidades latino-americanas no ensaio do século XX*. Recife: Bagaço, 2001.

GAMBINI, Roberto. *Espelho índio: a formação da alma brasileira*. São Paulo: Axis Mundi; Terceiro Nome, 2000.

HUGHES, Richard Thomas. *Myths America Lives By*. Urbana: University of Illinois Press, 2003.

MAHN-LOT, Marianne. *A descoberta da América*. São Paulo: Perspectiva, 1984.

O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

ROA-DE-LA-CARRERA, Cristián. El Nuevo Mundo como problema de conocimiento: Américo Vespúcio y el discurso geográfico del siglo XVI. *Hispanic Review*, Pennsylvanna, v. 70, 2002. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3247095>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

SUBIRATS, Eduardo. *El continente vacío: la conquista del Nuevo Mundo y la consciencia moderna*. México, D.F.: Siglo Veintiuno, 1994.

VESPUCIO, Américo. El Nuevo Mundo. In: VESPUCIO, Américo. *Cartas relativas a sus viajes y descubrimientos*. Estudio preliminar de R. Levillier. Buenos Aires: Editorial Nova, 1951.